



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

MIRELLE DAIARA PEREIRA

**DISLEXIA: Fator implicador na Aprendizagem da Leitura e Escrita
no Ensino Fundamental**

Itaituba
2017

MIRELLE DAIARA PEREIRA

**DISLEXIA: Fator implicador na Aprendizagem da Leitura e Escrita
no Ensino Fundamental**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba, para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a. Esp. Maria Danielle Lobato Paes

MIRELLE DAIARA PEREIRA

**DISLEXIA: Fator implicador na Aprendizagem da Leitura e Escrita
no Ensino Fundamental**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para a obtenção do título de
Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Esp. Maria Danielle Lobato Paes

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____

Prof.^a Mara Aparecida Pereira do Nascimento, Especialista.

Orientadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Maria Danielle Lobato Paes, Especialista.

Avaliadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Walbea Lucia Lobato Martins, Especialista.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 18 de março de 2017.

*A Deus, minha família e amigos que
me apoiaram em todos os momentos.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente por me sustentar até aqui e me mostrar que mesmo depois de um dia de grande tempestade sempre existirá um amanhecer que nos trará esperança de dias melhores.

À minha família que mesmo ausente me deu forças para suportar todas as adversidades transmitindo amor e confiança para que eu não desistisse em especial a minha mãe Marineide Pereira.

Aos meus amigos pela generosidade, pela companhia e afeto que demonstraram durante esse processo árduo de construção da monografia em especial, Adrielle Samara Leite e Camila Castro Araújo, Gleiciane Cristina Medeiros, Ícaro Silva, Kersia Nascimento, Amanda Gonçalves Bento, Elaine Castro e Natasha Silva que estiveram sempre ao meu lado ao longo desse processo, me incentivando e me apoiando.

Agradeço a professora orientadora Maria Danielle Lobato pela paciência, dedicação e carinho que tem demonstrado. E por último e não menos importante agradeço a direção da Escola Maria Aparecida de Souza e todo o corpo docente que compõe a mesma, pelo carinho, responsabilidade e receptividade que tiveram comigo e com o trabalho em questão.

“Todo indivíduo é um gênio, mas se julgarmos um peixe por sua capacidade em escalar árvores, ele morrerá acreditando ser um imbecil”.

(Albert Einstein)

RESUMO

O presente trabalho traz em seu bojo questões relevantes acerca dos transtornos e dificuldades de aprendizagem, em especial, a dislexia. O mesmo apresenta uma reflexão dos profissionais da educação sobre os métodos educacionais que utilizam para ensinar alunos, visando o aperfeiçoamento educacional para que seja desenvolvido um excelente trabalho por parte do educador. O estudo em questão, tende a medir o grau de conhecimento dos educadores sobre transtornos e dificuldades de aprendizagem, além de verificar a reação de pais e educadores diante de uma criança disléxica em casa ou na escola, e observar quais os métodos de ensino são utilizados para ensiná-los a ler e escrever, entre outros. É importante que a dislexia seja observada o quanto antes, a fim de que não provoque o desinteresse da criança pelos estudos e tenha que enfrentar algumas frustrações. Vale ressaltar que a dislexia não está relacionada com inteligência baixa e nem tem ligação com retardo mental, uma vez que crianças disléxicas, mostram bons resultados em testes de lógica e atividades cognitivas e em alguns casos essas crianças podem até apresentar inteligência acima da média.

Palavras-chave: Dislexia. Transtorno. Dificuldade. Aprendizagem.

ABSTRACT

The present work brings in its bulge relevant issues about disorders and learning difficulties, especially dyslexia. The same brings a reflection to the professionals of the education on the educational methods that they use to teach students, aiming the educational improvement so that an excellent work on the part of the educator is developed, aiming always the learning of quality in the first place. The work in question tends to measure the degree of knowledge of educators about disorders and learning difficulties, as well as to verify the reaction of parents and educators to a dyslexic child at home or at school and to observe which teaching methods are used to teach Them to read and write, among others. It is important that dyslexia be observed as soon as possible, so that it does not cause the child to be uninterested in studies and has to face some frustrations, it is worth mentioning that dyslexia is not related to low intelligence and does not have a connection with mental retardation, once That dyslexic children show good results in tests of logic and cognitive activities and in some cases these children may even present above-average intelligence.

Key words: Dyslexia. Disorder. Difficulty. Learning.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 – Local da pesquisa.....	26
Gráfico1 – Sexo dos entrevistados.....	26
Gráfico 2 – Faixa etárias de idade dos entrevistados.....	27
Gráfico 3 –Tempo de docência dos entrevistados.....	27
Gráfico 4 – Conhecimento dos entrevistados sobre o termo dislexia.....	29
Gráfico 5 – Qual alternativa define melhor dislexia para os docentes.....	29
Gráfico 6 – Já trabalhou com algum aluno disléxico?.....	30
Gráfico 7 – Atualmente trabalha com algum aluno disléxico?.....	31
Gráfico 8 – Já trabalhou com leitores que tinham dificuldade na leitura?.....	31
Gráfico 9 – Nível de leitura da maioria dos alunos.....	32
Gráfico 10 – Conhecimento dos pais sobre a leitura dos filhos.....	33
Gráfico 11 – Participação dos pais na vida escolar dos filhos.....	34
Gráfico 12 – Já participou de cursos voltado para o aluno disléxico?.....	35
Gráfico 13 – Dislexia é fator psicológico ou biológico?.....	35
Gráfico 14 – A dislexia é decorrente da formação educacional?.....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 TRANSTORNO E DIFICULDADE APRENDIZAGEM.....	12
2.2 O QUE É A DISLEXIA?.....	14
2.3 COMPREENDENDO A LEITURA NO CONTEXTO DA DISLEXIA.....	17
3 METODOLOGIA.....	25
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	25
3.2 LOCAL DE PESQUISA.....	26
3.3 PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	26
3.4 COLETA DE DADOS.....	27
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	29
5 CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICE.....	41

1 INTRODUÇÃO

A dislexia se apresenta em cada indivíduo de maneira diferente, dessa forma torna-se quase impossível detectar as crianças disléxicas através dos sintomas, a maneira mais precisa de identificar um disléxico é através da desorientação, pois todo disléxico tende a se desorientar diante de uma situação que o deixe nervoso. DAVIS (2004)

O tema Dislexia fator implicador na aprendizagem da leitura e escrita no ensino fundamental foi escolhido no intuito de verificar a dislexia e suas implicações no ensino-aprendizagem de alunos, além de verificar o grau de conhecimento dos docentes em relação as dificuldades e transtornos de aprendizagem considerando que estes aparecem logo nos primeiros anos da vida escolar dos alunos.

Vale ressaltar que a dislexia é o transtorno que afeta diretamente na leitura e na escrita e está largamente espalhada entre pais e educadores, esta é considerada por muitos estudiosos segundo Davis (2004) como a “mãe dos transtornos de aprendizagem”, pois pode também se manifestar em diversas áreas. Tornando-se assim cada vez mais difícil de catalogar todos os sintomas da mesma.

O professor desde os primórdios sempre teve um papel muito importante na formação dos cidadãos, pois é ele quem direciona os passos dos alunos já logo nas primeiras series, mas para trabalhar com a criança disléxica, o professor necessita saber o que é a dislexia, sua causa, bem como saber diagnosticar a mesma.

O objetivo deste estudo é transmitir propostas baseadas em pesquisas em andamento que visam uma melhor qualidade de aprendizado dos alunos, pois se todos os interessados puderem compreender melhor a teoria e os achados de pesquisas em voga, estarão em melhores condições para ajudarem pessoas disléxicas a aprender.

Portanto, justifica-se pela relevância social que contribuirá com os profissionais da educação e com a comunidade Itaitubense. Considerando que a grande maioria dos educadores não dispõem de cursos de capacitação para trabalhar com crianças disléxicas,

A questão norteadora deste trabalho é: qual o grau de conhecimento dos educadores sobre transtornos e dificuldades de aprendizagem, como os pais e os educadores reagem diante de uma criança disléxica em casa ou na escola, como eles fazem para ensiná-los a ler e escrever, como direcionam os possíveis talentos

decorrentes da dislexia, ou se simplesmente ignoram e focalizam-se em fazê-los aprender da maneira tradicional usando um pincel e um quadro negro fazendo com que essas crianças percam o prazer em aprender.

O trabalho está estruturado em 5 partes. A primeira parte faz menção a introdução do estudo. A segunda compõe a fundamentação teórica que apresenta as seções que abordam as características e diferenças entre transtorno e dificuldade de aprendizagem, as definições de dislexia tendo base autores como Davis (2004) e Ellis (1995) sobre a leitura e enfatiza as dificuldades que os disléxicos enfrentam para adquirir tal habilidade, além de mostrar algumas características que possibilitam aos pais e educadores identificar crianças disléxicas através da leitura e da escrita.

Após a fundamentação teórica a terceira parte apresenta-se a forma como a pesquisa foi realizada através da metodologia, que detalha cada passo deste trabalho, e a quarta parte demonstra os resultados da pesquisa os resultados e finaliza-se com a conclusão.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 TRANSTORNOS E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Quando pensamos em educação, logo nos vêm à mente o sucesso, a aprendizagem e a evolução, mas nem sempre a área da educação é cercada somente por sucessos e aprovações. No decorrer do ensino nos deparamos com diversos problemas, dentre muitos, as dificuldades e transtornos de aprendizagem que atingem muitas crianças, adolescentes e adultos deixando-os assim, paralisados diante do processo de aprendizagem e exigindo preparação e dedicação de pais e professores.

Mas afinal o que são transtornos e dificuldades de aprendizagem? Segundo Collares e Moysés (1992) transtorno ou distúrbio de aprendizagem refere-se as alterações manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio, ou habilidades matemáticas, alterações devidas à disfunção do sistema nervoso central.

Enquanto que dificuldade de acordo com Fernandez (1991) pode ser de origem sintomática, causada por motivos emocionais ou falta de habilidade do educador ou ainda por problemas com o espaço de aprendizagem, que podem bloquear em algumas circunstâncias a aprendizagem.

Quando um aluno não consegue aprender como os demais colegas em sala de aula, costumamos dizer que ele tem uma dificuldade de aprendizagem. Ciasca (2003) diz que este é um termo bastante genérico e se refere a uma defasagem na aquisição de uma ou mais competências, sem causa evidente. Estamos dizendo que há algo que não está bem no processo de aprendizagem daquele aluno.

Dificuldade de aprendizagem, resulta da influência de condições ou eventos transitórios na vida do aluno que estão interferindo negativamente no ato de aprender. Pode ser mudança de escola, troca de professor, nascimento de um irmão, separação dos pais, perda de um familiar, falta de sono, problemas de saúde, entre outros.

Enquanto que os transtornos ou distúrbios de dificuldades segundo Ciasca (2003) se caracterizam pelo caráter inato e persistente das dificuldades para aprender. São dificuldades que sempre estiveram presentes na vida escolar do aluno; ou seja, se observarmos o histórico daquele aluno, vamos notar que ele sempre esteve

significativamente defasado na aprendizagem de uma ou mais áreas do conhecimento, sem uma causa evidente, como uma deficiência intelectual ou sensorial.

Assim qualquer problema de aprendizagem tende a implicar amplo trabalho do professor junto a família. É muito importante que estes trabalhem em sintonia para assim buscarem estratégias de ensino de modo a atender o fator preponderante que representa a maior dificuldade, levando a superar este desafio e atingir seus objetivos. Como corrobora Luckesi (1995, p. 126):

A educação escolar é uma instância educativa que trabalha com o desenvolvimento do educando, está atenta as habilidades cognitivas sem deixar de considerar significativamente as formações de múltiplas convicções assim como de habilidades motoras. A escola não poderá descuidar dessas convicções e habilidades. A escola cabe trabalhar para o desenvolvimento das habilidades, hábitos e convicções de viver.

A maioria dos pais e professores gostariam de que suas crianças fossem hábeis na leitura e na escrita e que desenvolvessem de imediato o raciocínio lógico, no entanto, a leitura é um processo perceptivo-linguístico bastante complexo que requer a prática contínua para que essa habilidade seja desenvolvida.

Para muitos estudantes, adquirir tais habilidades torna-se tortuoso e maçante, isso porque eles não conseguem acompanhar aquilo que o professor tenta ensinar, segundo Leal e Nogueira (2011), os educadores deverão procurar novos caminhos e alternativas para todo esse delicado processo de *aprender*, para que os estudantes não sejam obrigados a se tornarem copistas que fazem as coisas por fazer ou para passar de ano. É necessário que o estudante se sinta bem e tenha prazer em aprender.

A função primordial da escola seria, para grande parte dos educadores, propiciarem aos alunos alternativas para que eles aprendam, de forma consciente e consistente, os mecanismos de apropriação de conhecimentos. Assim como a de possibilitar que os alunos atuem, criticamente em seu espaço social.

Para Soares (1998) uma escola transformadora é a que está consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e assumem a responsabilidade de um ensino eficiente para capacitar seus alunos na conquista da participação cultural e na reivindicação social.

Pode-se observar que são vários aspectos que influenciam de forma positiva ou negativa no crescimento pedagógico de uma criança, no que diz respeito à aprendizagem da leitura e da escrita. Dentre os muitos destacam-se com muita intensidade e que tem atrapalhado e prejudicado, ou mesmo interrompido o sucesso de muitos que é a dislexia.

De acordo com um relatório da organização Americana de educação cerca de vinte milhões de estudantes podem sofrer de dislexia e perturbações relacionadas (VALLET, 1989 p.01). Seguindo a afirmativa de Vallet observamos que é grande a quantidade de pessoas que enfrentam problemas na aprendizagem ao longo de sua vida acadêmica, normalmente essas dificuldades mostram-se mais severas na leitura e na escrita.

Morais (1994) afirma que com frequência os professores procuram explicar por que o aluno não aprende, atribuindo a culpa, apressadamente, a aspectos isolados, deficiências de natureza biológica, psicológica e cultural, carências de diferentes tipos, em detrimento de pesquisas mais abrangentes e de análises mais criteriosas capazes de esclarecer a situação.

Se pais e educadores não se atentam para esse problema, a criança sofre calada, com medo e na maioria das vezes acaba sendo anulada pelo sistema educacional e perde as esperanças de um dia poder dominar a leitura e a escrita. Se essa criança não for diagnosticada e passar por um tratamento diferenciado a tempo, o mais provável é que ela desista dos estudos logo nas primeiras séries.

2.2 O QUE É DISLEXIA?

A dislexia está largamente espalhada entre pais e educadores, e quando ouvimos essa palavra logo pensamos em crianças com dificuldades na leitura, escrita e matemática, Davis (2004) afirma que há inclusive aqueles que associam a simples lentidão de aprendizagem à dislexia, no entanto tudo isso é apenas um aspecto dela.

Mas então o que vem a ser realmente a dislexia? São várias as definições para esse termo, e quem primeiro traduziu o conceito de Dislexia foi Reinold Berlin, em 1984, cuja definição era "condição que ocorria quando uma pessoa de inteligência normal tinha dificuldade de ler", mas a de maior consenso segundo Vallet (1989) é a de Critchey, afirmando que tratasse de uma "perturbação que se manifesta na dificuldade em aprender a ler". Mesmo que o indivíduo apresente inteligência normal

e as condições de ensino seja convencional, ainda assim há um déficit no ensino-aprendizagem.

A palavra dislexia foi o primeiro termo genérico utilizado para designar vários problemas de aprendizagem, mas com o passar do tempo as diferentes formas de transtornos de aprendizagem foram subdivididos e classificadas, por essa razão há quem diga que a dislexia é "A mãe de todos os transtornos que envolvem a aprendizagem (DAVIS; 2004, p. 35).

Fonseca (1995), afirma que a dislexia se trata de uma dificuldade manifestada na aprendizagem da leitura, independentemente de instrução convencional e oportunidade sociocultural. Sendo assim, dependente de funções cognitivas, que são na maioria dos casos de origem orgânica.

Há inclusive estudos que apontam que a dislexia pode ser adquirida que é quando uma pessoa aprende a ler e escrever, mas em determinado momento sofre algum tipo de lesão cerebral, essa forma de dislexia passou a ser estudada a partir do século XIX por neurologistas como Cal Wernicke, mas a maior parte das pesquisas sobre dislexia adquiridas foram realizadas a partir de meados da década de 70, quando os neuropsicólogos cognitivos investigam a dislexia adquirida, sua abordagem não é tanto perguntar que parte do cérebro está danificada em que forma de transtorno de leitura, mas indagar que parte ou partes do processo normal de leitura foram danificadas ou perdidas, eles tentam explicar diferentes padrões de perturbações da leitura por referência a modelos do processo normal e hábil da leitura. Para Ellis:

O trabalho realizado sobre dislexia adquirida tem-se concentrado na capacidade dos pacientes para lerem palavras isoladas, de modo que os modelos de reconhecimento de palavras, em vez de teorias de processamento de sentença ou texto, têm sido considerados relevantes, e é para eles que os estudos da dislexia adquirida têm sido dirigidos. (ELLIS, 1995, p. 47)

A Associação Brasileira de Dislexia diz que esta é um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades

cognitivas. No Código Internacional de Doenças - CID 10, a dislexia é classificada com o código R 48.

De acordo com Farrell (2008) definir a dislexia não é tão fácil. Isso porque ela se apresenta de maneiras distintas em cada pessoa, dessa forma sempre que tentamos defini-la acabamos por catalogar características condicionais como a dificuldade na leitura, escrita e ortografia, mas vale ressaltar que nem todas as pessoas disléxicas necessariamente apresentam dificuldades nessas áreas.

Segundo Davis (2004) desenvolver a dislexia é tão complicado que é surpreendente que alguém possa fazê-lo. Algumas pessoas nascem com um código genético que as torna capazes de utilizar parte de seu cérebro que altera e cria percepções, nascer com esse código genético não causa a dislexia, mas possibilita desenvolvê-la.

Dessa forma um disléxico não desenvolveu a dislexia na primeira série, nem no jardim de infância. É provável que seja entre as idades de três e seis meses que os disléxicos começam a desenvolver suas habilidades especiais, seus talentos e suas deficiências (DAVIS, 2004, p. 99).

Há um impasse muito grande para que os disléxicos desenvolvam habilidades básicas, na maioria das vezes elas são anuladas ou destruídas pelos pais ou pelo processo educacional. Um professor despreparado ou leigo no assunto pode taxar a criança de desinteressado, preguiçoso e na pior das hipóteses, perder as esperanças, visto que a criança disléxica não consegue acompanhar seu método de ensino. Enquanto os pais num ato de desespero e inexperiência tomam medidas repressivas: desde a privação da sobremesa, de televisão, de saídas, ao acréscimo de exercícios recomçados.

A criança disléxica começa então a ter sua autoestima destruída e começa a mostrar-se nervosa, inquieta, e até agressiva, sente-se inferior e incapaz de aprender um "simples alfabeto", e o ambiente escolar torna-se tortuoso e repugnante.

O estudo da dislexia, em sala de aula, tem como ponto de partida a compreensão, das quatro habilidades fundamentais da linguagem verbal: a leitura, a escrita, a fala e a escuta. De acordo com Pinto (2003) destas, a leitura é a habilidade linguística mais difícil e complexa, e a mais diretamente relacionada com a dificuldade específica de acesso ao código escrito denominada "dislexia".

As dificuldades mais comuns da dislexia ocorrem na leitura, na escrita, na ortografia e na matemática. Todavia aparecem em várias outras áreas, pois cada caso

é um caso visto que a dislexia é uma *condição autogerada*, cada dislético desenvolve de maneira única.

De acordo com os dados da Associação brasileira de Dislexia, cerca de 10 a 15% da população brasileira apresenta casos notificados de dislexia nas escolas, sendo que esta estimativa pode sofrer alterações, em vista que, ainda são mantidos em anonimato em algumas sociedades, ou até mesmo pelo fato de desconhecimento sobre essa dificuldade com a decodificação de símbolos.

Segundo Fonseca (1995) podemos concluir que os professores assim, como as escolas devem trabalhar com competência e dedicação revendo seus métodos de ensino e adaptando-os quando necessário, para atrair os alunos para a escola, onde terão a oportunidade de aprender a ler e escrever. E também a melhorar as estatísticas quanto ao fracasso escolar, embora, não podemos negar que independentemente do tipo de escola ou sala de aula há alunos que realmente, apresentam dificuldades de aprendizagem e devem ser diagnosticado e tratado devidamente por um profissional competente e ter o apoio do professor e da família.

2.3 COMPREENDENDO A LEITURA NO CONTEXTO DA DISLEXIA

É inquestionável a importância da leitura em nossas vidas, pois é através dela que entramos em contatos com pessoas e mundos diferentes, através dela podemos viajar sem sair do lugar, conhecer culturas e povos diferentes dentre outras coisas, normalmente adquirimos a habilidade da leitura logo nos primeiros anos da vida acadêmica.

A leitura e a escrita são muito importantes para que as pessoas exerçam seus direitos, possam trabalhar e participar da sociedade com cidadania, se informar e aprender coisas novas ao longo de toda a vida (BRASIL, 2006, p. 05). No entanto esse processo que parece tão simples para algumas pessoas, pode tornar-se tortuoso para outras que possuam alguma dificuldade ou transtorno de aprendizagem, isso porque o ensino tradicional nos obriga a ensinar/aprender de forma mecanizada.

Garcia (1992) afirma que os educadores devem praticar a leitura, capacitando o leitor a desenvolver o gosto pela leitura, que conseqüentemente poderá obter o hábito da leitura, e assim, podendo estar aprimorando a escrita.

Segundo Smith (1989) ler é comparativamente muito mais difícil para crianças que foram ensinadas que deveriam aprender as palavras corretamente. Seguindo a

linha de raciocínio de Smith podemos entender que o processo da leitura deve acontecer de forma natural, permitindo aos futuros leitores que errem de vez em quando, afinal o alfabeto português não é foneticamente exato o que implica dizer que, muitas vezes, os sons não correspondem à grafia. Quando um educador entende e respeita o “caminhar do aprendizado” de seus alunos, têm-se ali uma grande chance dessas crianças tornarem-se leitores de sucesso.

Aprender a ler envolve uma série de situações das mais variadas possíveis, o educador ao longo de sua carreira se deparará com crianças hábeis e outras nem tanto, crianças com dificuldades e transtornos de aprendizagem por isso é necessário paciência e determinação pois os primeiros anos na escola são fundamental para a criança desenvolver-se ou não.

Segundo Smith (1989) a compreensão é mais do que o entendimento sobre as circunstâncias nas quais estamos; é o modo pelo qual aprendemos. Dessa forma entendemos que para desenvolvermos a habilidade da leitura é necessário antes de tudo que se tenha compreensão do que estamos fazendo ou seja uma vez que a criança compreendeu as palavras que ela acabou de decodificar cabe nos dizer que ela está aprendendo a ler, no entanto se ela é capaz de decodificar as palavras mas não tem capacidade de compreensão então, ela não desenvolveu por completo sua habilidade com a leitura.

Isso é bastante comum no ensino/aprendizagem das crianças disléxicas, estas por sua vez conseguem decodificar palavras, mas não demonstram compreensão quando se deparam com palavras cujos significados desconhecem ou palavras que possuem significados abstratos e vários sentidos diferentes.

De acordo com Vallet (1989) a compreensão da leitura envolve muito mais do que a aquisição de habilidades fundamentais como a fonética e os mecanismos da linguagem. A verdadeira compreensão depende também, do desenvolvimento de estruturas e operações cognitivas que emerge da interação da maturação e educação apropriada.

Para que um educador consiga avaliar o nível de compreensão da leitura de seus alunos é necessário que ele comece considerando a situação atual em que o aluno se encontra em relação a mesma, e antes de tudo ele precisa se certificar de que a criança tenha adquirido algumas habilidades de audição e pensamento e distribuir tarefas envolvendo a leitura que não seja nem muito fáceis nem muito difíceis que estimulem o estudante. Smith (1989) acredita que bons professores arranjam

contingências para reforçar a aprendizagem nos estudantes. Ele nos lembra que “bons livros” são aqueles que estimulam o leitor porque dão prazer.

Vallet (1989) defende que a compreensão da leitura depende do desenvolvimento da inteligência geral e das capacidades mentais básicas como o raciocínio serial, a classificação e o pensamento análogo. Logo entende-se que o processo da leitura embora complexo é acessível para crianças com dificuldades ou transtornos de aprendizagem como a dislexia pois o desenvolvimento da compreensão da leitura depende basicamente da instrução e da prática.

É possível que tenhamos esquecido como foi aprender a ler, quem consegue ler razoavelmente bem, o faz automaticamente sem se dar conta das inúmeras manobras que vão acontecendo em suas mentes. Alguns pesquisadores chegam a considerar a leitura como a atividade mais complexa que exigimos de nossos cérebros

Alguns relatos sobre o desenvolvimento da leitura poderiam levar-nos a crer que as crianças que estão aprendendo a ler passam por uma série identificável de estágio distintos na aquisição da habilidade. Esses relatos mostram a influência do psicólogo Jean Piaget, que argumentou que o desenvolvimento do entendimento fundamental de uma criança sobre o mundo físico exige seu progresso ao longo de uma série de estágios psicológicos distintos que a leva do entendimento do recém-nascido ou entendimento do adulto.

Os problemas que os disléxicos têm com a alfabetização são os mesmos enfrentados por todas as crianças, no entanto para os disléxicos eles se apresentam em maior magnitude por causa da inconsistência na linguagem. Se as palavras impressas fossem apresentadas de forma mais consistente, especialmente nos primeiros livros escolares, alguns desses problemas seriam minorados para todas as crianças (DAVIS, 2004, p. 61).

Não obstante o alfabeto português assim também como o inglês não é foneticamente exato, ou seja, muitas vezes os sons não correspondem à grafia o que confunde ainda mais o disléxico tornando difícil para eles pronunciarem e soletrarem corretamente. Portanto é muito importante que os professores explicassem aos seus alunos que algumas línguas se constituem num sistema bastante desordenado, com inúmeras variações e exceções as regras que, frequentemente, elas acabam não sendo aplicadas. Os disléxicos apresentam a dificuldade na leitura, por ela ser nada mais que uma decifração ou decodificação de símbolos, o que causa confusão,

tornando-os desorientados diante dessa atividade que para muitas pessoas é um “processo simples”.

Segundo Fonseca (1995) uma coisa é a criança que não quer aprender a ler, outra é a criança que não pode aprender a ler com os métodos pedagógicos tradicionais. Não podemos assumir atitudes reducionistas que afirmam que a dislexia não existe. De fato, a dislexia é muito mais do que uma dificuldade na leitura. A dislexia normalmente não aparece isolada, ela surge integrada numa constelação de problemas que justificam uma deficiente manipulação do comportamento simbólico que trata de uma aquisição exclusivamente humana.

E quando o disléxico fica desorientado ele percebe múltiplas imagens da palavra, ela é vista de trás para frente, de frente para trás, de cabeça para baixo em ambos os sentidos, além disso ela é desmembrada e reagrupada em todas as situações possíveis, ou seja, os resultados da desorientação vão afetar diretamente na grafia dessa pessoa. Segundo Davis (2004, p. 66):

Existem pelo menos vinte e sete diferentes variações de uma palavra de quatro letras como a palavra “gato”, sendo que bem poucas são versões “lógicas”, com as letras em sua configuração correta [...] o disléxico frequentemente enxerga as letras tridimensionalmente como se estivessem flutuando no espaço. Isto pode criar um número infinito de perspectivas diferentes.

Se para os alunos que não apresentam os sintomas da dislexia já é frustrante aprender as regras de ortografia, agora imagine como deve ser esse processo para os disléxicos. Nosso sistema tem uma obsessão pela absoluta correção ortográfica o que de certa forma dificulta muito o processo de aprendizagem dos disléxicos.

Se em vez de transformar as aulas de ortografia num campeonato os professores simplesmente assinalarem, com a ajuda do dicionário, a diferença entre a palavra que o estudante escreveu e a grafia correta. Davis (2004) corrobora que no fim disléxicos descobrirão por conta própria como soletrar as palavras que vão lendo é importante que o professor não fique corrigindo ou criticando ao longo do progresso, pois tal atitude fará com que os estudantes se sintam mal por terem errado.

O tipo de problema mais comum com a escrita ocorre quando alunos disléxicos receberam várias instruções de como sua escrita deveria parecer que eles acabam criando múltiplas imagens mentais de palavras e letras as quais vão se sobrepondo

umas às outras, o resultado é uma confusão de linhas que oscilam e pulam por todo o papel.

É necessário que os pais e professores estejam atentos a certos sinais, como por exemplo: de início surge aquela dificuldade com a leitura e na transcrição, impossibilitando a compreensão e reprodução de símbolos escritos. As confusões resultantes de dificuldades de discriminação perceptiva, concernindo letras cuja única diferença é a orientação do traçado, como: **p-q d-b u-n**. Confusões na diferença auditiva dos sons, por vezes muito próximos, que correspondem simbolicamente às letras, essas confusões entre fonemas vizinhos são frequentes: **c-g p-b f-v ch-j t-d**.

A criança inverte a ordem das letras, às dificuldades de orientação no espaço, aliam-se as dificuldades de sucessão temporal, tanto ao nível da palavra e da frase essas mesmas dificuldades provocarão inversões de sílabas, omissões de letras, palavras não começadas pela primeira letra e devido a esse fato a compreensão do conteúdo evocado.

A aprendizagem da escrita torna-se difícil e por vezes indecifrável, pois a grafia da criança disléxica é geralmente defeituosa, os caracteres são desiguais, o traçado irregular e as letras maldispostas. Para Fichot (1967, p 33):

A escrita dos disléxicos caracteriza-se pela anarquia da ordenação, originando a ausência de margens, a variabilidade da dimensão das entrelinhas, a grande irregularidade da direção das linhas. Essa anarquia no espaço é a expressão direta da carência perceptiva do disléxico. A própria escrita é mal coordenada, geralmente cortada, retocada, lento no desenrolar, refletindo as hesitações dos disléxicos, perante a escolha e a forma da letra a escrever.

De acordo com Pinto (2003) os processos básicos, isto é, que se voltam à decodificação e a compreensão de palavras, são particularmente importantes nas primeiras etapas da aprendizagem da leitura (ou leitura inicial na educação infantil), e devem ser automatizados ou bem assimilados no primeiro ciclo do ensino fundamental (até a quarta série), já que um déficit em algum deles atua como um gargalo que impede o desenvolvimento pleno e melífluo dos processos superiores de compreensão leitora.

O ideal seria se os disléxicos fossem diagnosticados logo nos primeiros anos de escola, pois assim os danos seriam menores, antes de julgar é necessário conhecer e compreender o que é a dislexia e como ela ocorre. Mas essa realidade

sabemos que é muito distante, pois são poucos os educadores que se submetem a treinamentos que os possibilite trabalhar uma educação inclusiva.

Vallet (1989) sugere que se examine a criança tanto na leitura oral quanto na silenciosa, utilizando os livros de textos básicos usados por ela em sua classe. Além da avaliação direta da leitura na sala de aula, poderão ser usados testes padronizados de leitura. Para a determinação do desempenho e realização funcionais devem ser aplicados tantos testes em grupo como individuais.

A criança está trabalhando ao nível de sua série quando ela é capaz de ler 100 palavras com, pelo menos, 70% de compreensão e com no mínimo 20 erros técnicos ou mecânicos, como por exemplo: enganos fonéticos, omissões ou distorções.

Frequentemente, uma criança terá um melhor desempenho em um teste individual de leitura do que em um teste em grupo. Estudantes com inaptidão para a aprendizagem têm, também, melhor desempenho em testes sem estipulação de tempo e testes aplicados em etapas para permitir movimentação e descanso.

Para Ianhez (2002) estes são sinais importantes de dislexia na idade escolar:

- Lentidão na aprendizagem dos mecanismos da leitura e escrita;
- Trocas ortográficas dependem do tipo de dislexia;
- Problema para reconhecer rimas e alterações (fonemas repetidos em uma frase);
- Desatenção e dispersão;
- Desempenho escolar abaixo da média, em matérias específicas, que dependem da linguagem escrita;
- Melhores resultados, nas avaliações orais, do que nas escritas;
- Dificuldade de coordenação motora fina (para escrever, desenhar e pintar) e grossa (é descoordenada);
- Dificuldade de copiar as lições do quadro, ou de um livro;
- Problema de lateralidade (confusão entre esquerda e direita, ginástica);
- Dificuldade de expressão: vocabulário pobre, frases curtas, estrutura simples, sentenças vagas;
- Dificuldade em manusear mapas e dicionários;
- Esquecimento de palavras;
- Problema de conduta: retração, timidez, excessiva e depressão;
- Desinteresse ou negação da necessidade de ler;

- Leitura demorada, silabadas e com erros. Esquecimento de tudo o que lê;
- Salta linhas durante a leitura, acompanha a linha de leitura com o dedo;
- Dificuldade em matemática, desenho geométrico e em decorar sequências;
- Desnível entre o que ouve e o que lê.
- Aproveita o que ouve, mas não o que lê;
- Demora demasiado de tempo na realização dos trabalhos de casa;
- Não gosta de ir à escola;
- Apresenta “picos de aprendizagem”, nuns dias parece assimilar e compreender os conteúdos e noutro, parece ter esquecido o que tinha aprendido anteriormente;
- Pode evidenciar capacidade acima da média em áreas como: desenho, pintura, música, teatro, esporte, etc.

Seguindo o raciocínio de lanhez percebe-se os principais sintomas surgem quando a criança começa sua carreira acadêmica, é através principalmente do contato dela com a leitura e a escrita que podemos identificar a dislexia se manifestando, desta forma cabe tanto aos educadores como também aos pais identificar tais sinais.

A lentidão na aprendizagem dos mecanismos da leitura e escrita é uma das características mais evidentes da dislexia, o dislético não consegue decodificar as letras e sucessivamente não consegue ler e formar frases simples, além de trocar ou omitir letras, com o passar do tempo o aluno dislético começa a enfrentar problema para reconhecer rimas e alterações, ou seja, fonemas repetidos em uma frase.

Além disso, o professor nota que o aluno dislético fica desatento, mostrando-se indiferente aos conteúdos trabalhados e conseqüentemente apresenta um desempenho escolar abaixo da média, sobretudo em matérias específicas, que dependem da linguagem escrita. De acordo com Fichot (1967, p. 25) a leitura do dislético é lenta, monótona, silábica. O dislético emprega todos os esforços para decifrar e não compreende.

Outra característica dos alunos disléticos é a dificuldade de copiar as lições do quadro, ou de um livro, isso porque eles enfrentam grande dificuldade na coordenação motora, além de confundirem esquerda com direita e outros. O vocabulário de alunos disléticos tende a ser pobre, porém se este receberem acompanhamento adequado poderão desenvolver tais habilidades. Como corrobora Vallet (1989, p. 43):

Comumente, crianças disléxicas tem desordens em mais de um dos processos psicológicos [...] entretanto, uma vez que as crianças disléxicas são frequentemente, de inteligência mediana ou acima da média, é possível para elas, desenvolver suas capacidades de linguagem e aprender a compensar suas inaptidões.

Dessa forma é sempre importante o acompanhamento dos pais e atenção dos educadores na vida acadêmica de seus filhos e alunos, e uns desconfiados de que estes sofram do transtorno da aprendizagem conhecido como dislexia, procurar ajuda de um profissional capacitado para orientá-los.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Neste trabalho a metodologia a ser utilizada será a pesquisa bibliográfica e em seguida a pesquisa de campo, a pesquisa bibliográfica foi baseada em obras de Davis (2004), Fichot (1989), Soares (1998), Ellis (1995), Fernandez (1995) e outros visando buscar conhecimentos teóricos para auxiliar a pesquisa de campo uma vez que esses autores trazem em sua bagagem intelectual experiências que favorecerá na realização desta pesquisa.

Segundo Severino (2007) a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados.

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (GIL, 2002, p. 41).

A pesquisa de campo será realizada logo após as pesquisas bibliográficas. Ela se dará através de questionário fechado aplicado à quatorze professores do ensino fundamental de 1º a 9º ano, a fim de averiguar as informações necessárias.

Para isso foi feito uso da pesquisa quantitativa haja vista que ela se traduz por tudo aquilo que pode ser quantificável, ou seja, traduzir em números as opiniões e informações para então obter a análise dos dados e, posteriormente, chegar a uma conclusão. Segundo Richardson (1999) a pesquisa quantitativa é caracterizada pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas.

Partindo do princípio de que essa modalidade requer o uso de estatísticas e de recursos, como, por exemplo, percentagens, média, mediana, coeficiente de correlação, entre outros, como o objetivo é o de apurar as opiniões explícitas dos entrevistados, o questionário representa um dos meios mais eficazes para testar de forma precisa as hipóteses levantadas

3.2 LOCAL DE PESQUISA

A pesquisa foi aplicada na Escola de Ensino Fundamental Maria Aparecida de Sousa Costa, localizada na Rua João Lourenço Paxiúba, S/N - Jardim das Araras, Itaituba – PA. A escola tem como vice-diretora a senhora Maria Fausta Barros.



Imagem 1 – Local da Pesquisa. Fonte: Pereira (2017)

A escola trabalha com turmas do ensino fundamental I e fundamental II, além de ser acessível a alunos portadores de deficiências físicas, no entanto a mesma não possui biblioteca, sala de leitura nem sala de atendimento especial.

3.3 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Foram entrevistados um total de quatorze professores do Ensino Fundamental, destes 90% eram do sexo feminino e 10% do sexo masculino, como mostra o gráfico a seguir:

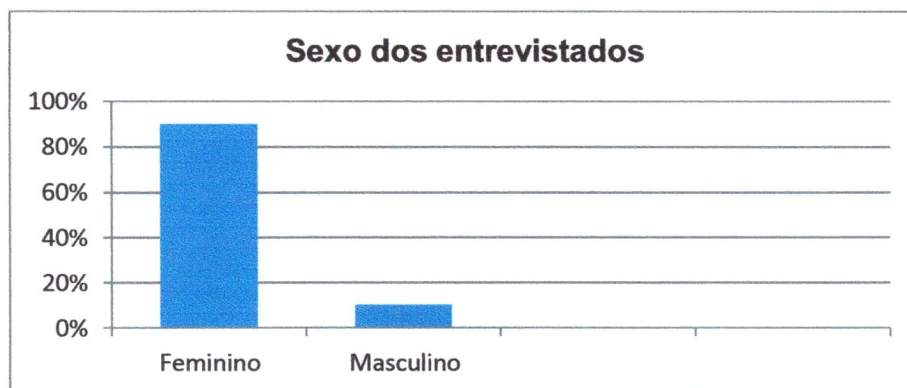


Gráfico 1 – Sexo dos entrevistados. Fonte: Pereira (2017)

Quanto a faixa etária podemos identificar que 15% tem entre 25 e 30 anos de idade, 70% dos entrevistados tem entre 31 e 36 anos e outros 15% tem 37 anos de

idade ou mais.

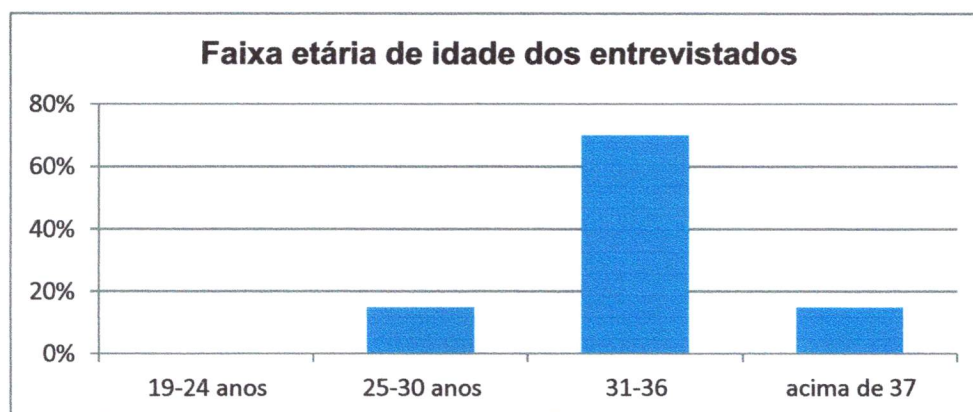


Gráfico 2 – Faixa etária de idade dos entrevistados. Fonte: Pereira (2017)

No questionário aplicado foi pedido para que os professores entrevistados especificassem sua formação acadêmica, foram mencionadas as seguintes formações: Licenciatura plena em Letras e Pedagogia, perguntamos ainda o tempo de docência de cada um deles.

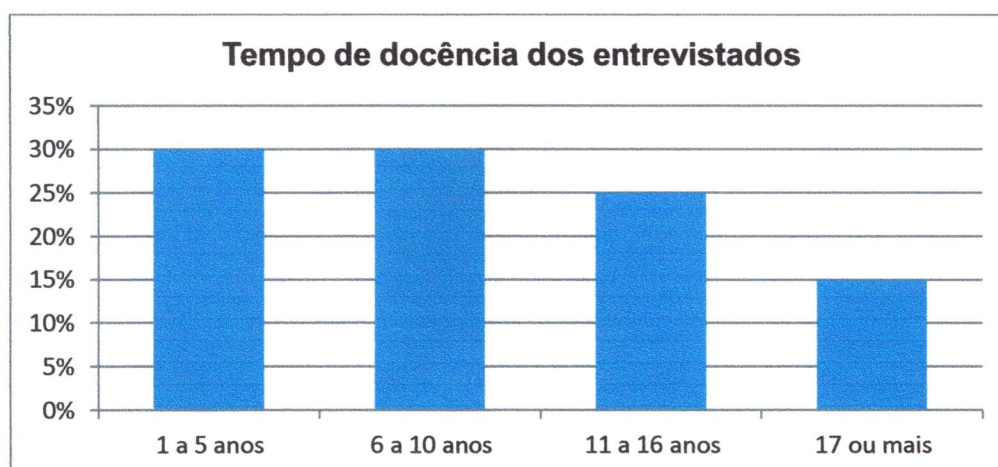


Gráfico 3 – Tempo de docência dos entrevistados. Fonte: Pereira (2017)

Como podemos observar no gráfico a seguir 30% já trabalham na área da educação entre 1 a 5 anos, 30% já trabalham entre 6 a 10 anos, 25% entre 11 e 16 anos e outros 15% tem 17 anos ou mais.

3.4 COLETA DOS DADOS

O instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário fechado, para coleta dos dados foi feito perguntas as pessoas envolvidas, cujo comportamento desejou-se

conhecer, foi feito um levantamento de informações e em seguida montado os gráficos com as respostas obtidas.

O questionário segundo Marconi e Lakatos (1999) é o instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito. Esse instrumento de pesquisa foi utilizado por oferecer inúmeras vantagens, tais como: Economia de tempo, obtenção de grande número de dados, atinge maior número de pessoas simultaneamente, obtém respostas mais rápidas e exatas além da liberdade de respostas (anonimato). O entrevistado respondeu de forma sucinta as perguntas que normalmente disponibilizam apenas duas opções que são, sim e não.

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado (GIL, 2008, p.121).

Verificou-se através da aplicação do questionário fechado aos professores do ensino fundamental da escola Maria Aparecida de Sousa Costa a dimensão do conhecimento dos docentes acerca do distúrbio linguístico uma vez que eles estão diretamente ligados aos educandos.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

Nessa abordagem apresenta-se o resultado de aplicação da metodologia desde trabalho, o qual permitiu a avaliação do trabalho docente de quatorze professores do ensino fundamental da Escola Municipal de Educação Maria Aparecida de Sousa. Dessa forma observou-se entre um ponto e outro que houve algumas considerações correspondentes aos objetivos pretendidos.

Para dar início a pesquisa é necessário saber se os professores conhecem o termo dislexia. Para isso perguntou-se a eles se conheciam tal termo. O quadro abaixo demonstra o resultado.

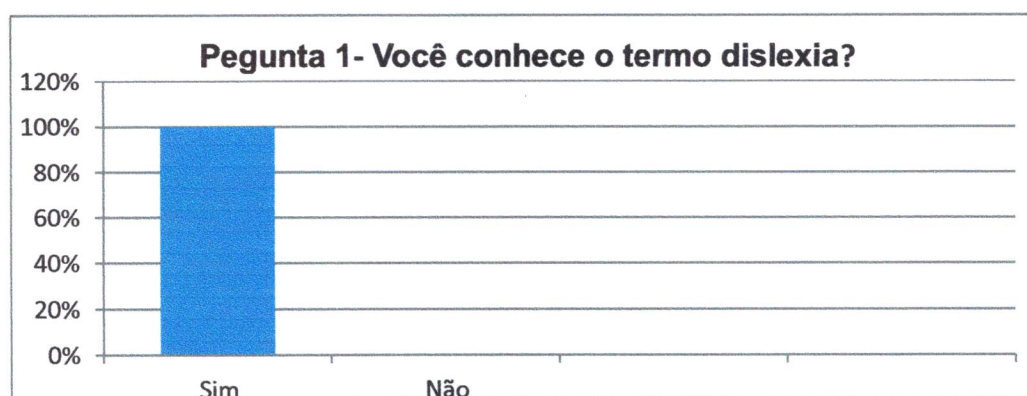


Gráfico 4 – Você conhece o termo dislexia? Fonte: Pereira (2017)

De acordo com o gráfico 100% dos docentes entrevistados conhecem o termo dislexia, mas precisamos saber se esse conhecimento que eles afirmam ter envolve não apenas ouvir falar ou se realmente eles sabem o seu significado, suas causas e implicações. Para isso perguntou-se em seguida o que melhor define a dislexia e disponibilizamos três opções, tais como: preguiça, desmotivação e dificuldade. Verifica-se as respostas no gráfico abaixo.

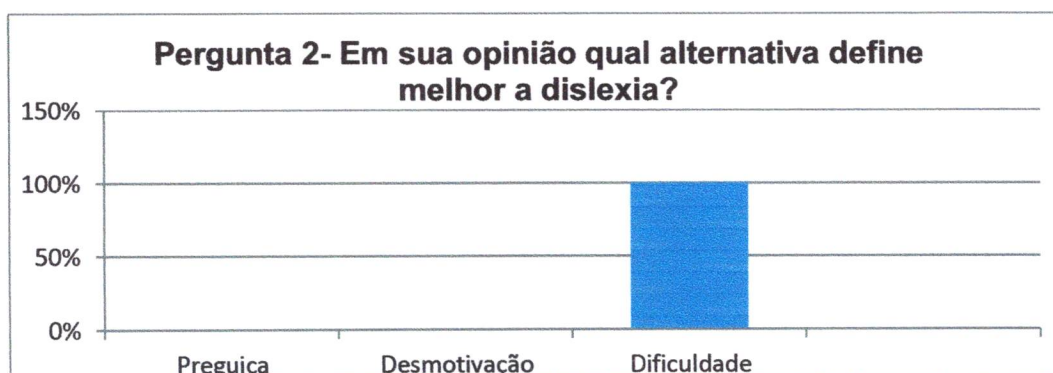


Gráfico 5 – O que define melhor a dislexia? Fonte: Pereira (2017)

Observa-se que 100% dos entrevistados optaram pela alternativa que define a dislexia como uma dificuldade. Diante disso entendemos que uma vez que os professores sabem do que se trata a dislexia e suas implicações, consequentemente tem o dever de se preocupar e procurar buscar conhecimento sobre este assunto para estarem preparados quando se depararem com esta realidade em suas salas de aula.

Diante disso Ianhez e Nico (2002, p. 72) afirmam que “seria muito importante que todos os professores soubessem o que é dislexia. Havendo suspeita de que um aluno esteja apresentando algum distúrbio de aprendizagem, o melhor é não tentar adivinhar ou diagnosticar, mas entrar em contato com a orientação pedagógica da escola para mais informações sobre o aluno”.

Em seguida perguntou-se aos docentes se durante a carreira acadêmica eles já haviam trabalhado com algum aluno disléxico. O resultado demonstra-se no gráfico abaixo.

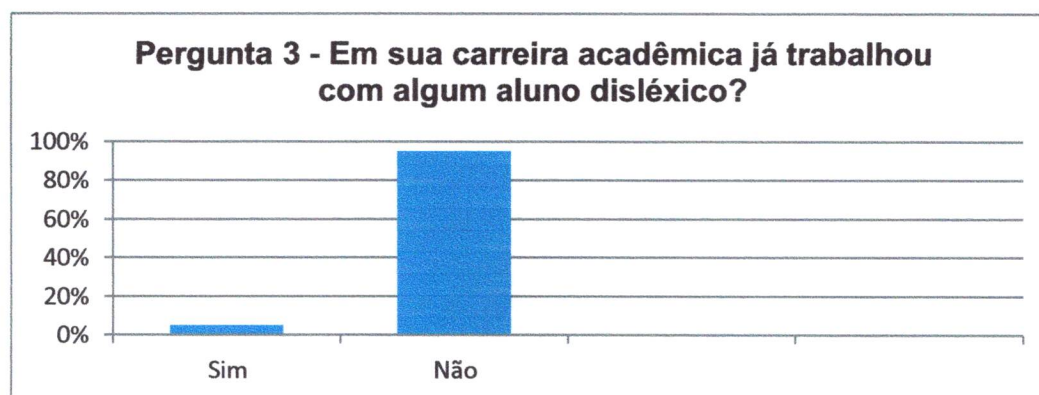


Gráfico 6 – Durante a carreira acadêmica já trabalhou com aluno disléxico. Fonte: Pereira (2017)

Apenas 5% dos entrevistados disseram que sim ou pelo menos eles acham que eram disléxicos por apresentarem um alto grau de dificuldade na aprendizagem da leitura e escrita. Esse ponto é muito importante pois na maioria das situações os alunos supostamente disléxicos não são diagnosticados ou por omissão dos pais em não aceitarem que seus filhos tenham tais dificuldade ou mesmo por falta de recursos e interesse da família, o que faz com que os educadores fiquem na dúvida se é dislexia ou apenas uma dificuldade. Outros 95% disseram que nunca trabalharam com nenhum disléxico.

Adiante perguntou-se aos entrevistados se em alguma das salas de aulas por eles ministradas possui aluno disléxico. Verifica-se o resultado no gráfico abaixo.



Gráfico 7 – Atualmente trabalha com algum aluno dislético? Fonte: Pereira (2017)

Em resposta 90% dos entrevistados disseram que não trabalham atualmente com nenhum aluno dislético, enquanto que 10% dos entrevistados disse que sim. Um os dois alunos apresentam fortes características da dislexia, o que nos leva a pensar que a dislexia precisa urgentemente ser melhor trabalhada entre professores, para que de maneira clara estes possam orientar o aluno e encaminhá-lo para profissionais adequados para um melhor diagnóstico pois em algumas situações eles podem simplesmente associar a dislexia ao fato do aluno ter uma leitura deficiente.

Vale ressaltar que a dislexia é uma dificuldade duradoura na aprendizagem da leitura e a aquisição de seu automatismo, em crianças normalmente inteligentes, escolarizadas e isentas de distúrbios sensoriais. Massi (2007) afirma que: “A dislexia tem sido tradicionalmente divulgada pela literatura nacional e internacional como distúrbio de aprendizagem manifestado por um conjunto de alterações ‘patológicas’ que evidenciam na aprendizagem da escrita”.

Logo em seguida perguntou-se aos professores entrevistados se eles trabalhavam atualmente com leitores deficientes, ou seja, alunos com dificuldade na leitura. Os resultados são apresentados abaixo.

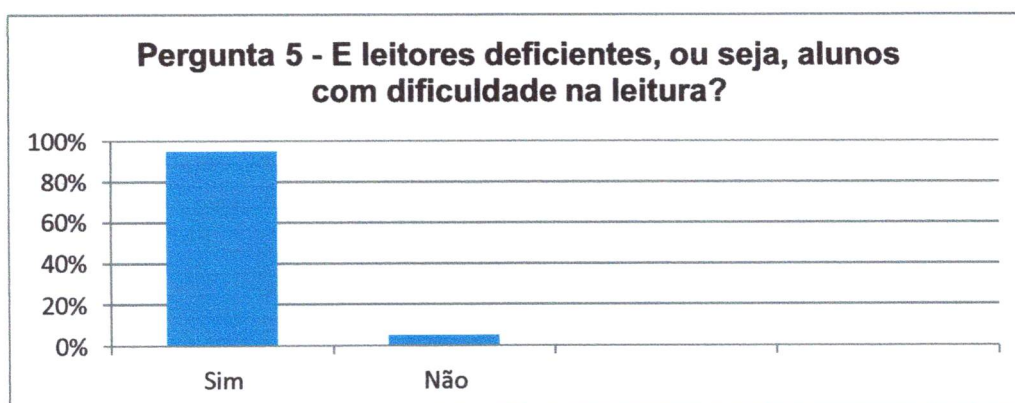


Gráfico 8 – Atualmente trabalha com leitores deficientes, ou seja, com dificuldade na leitura. Fonte: Pereira (2017)

Verifica-se que 95% responderam que sim e apenas 5% disseram que não trabalham com nenhum leitor deficiente, o que nos leva a pensar que é grande o número de alunos com dificuldade na leitura, que decorre ou por falta de interesse, ou por falta de incentivo dos pais e professores ou até mesmo por falta de um espaço dentro da sala de aula dedicado à leitura.

Foucabert (1994) aponta que “a leitura não é tarefa apenas da escola. É por isso também que a formação dos professores deve incluir contato com os pais, com bibliotecas de bairro e de empresa, com associações, de maneira a estabelecer intercambio entre as ações de informação e formação”.

Apresentar a uma criança o mundo da leitura é, exatamente, trazer esse universo para a escola e dinamizá-lo junto às novas gerações que precisam ser educadas para se tornarem cidadãos de deveres e de direitos, incluindo o de ler. Pois sabemos que é através da leitura que entramos em contato com o mundo e precisamos dela o tempo todo para nos informar, socializar, e até nos divertir. Dessa forma os pais também precisam estar cientes da importância que a leitura representa na vida de seus filhos e incentivá-los a ler.

Em seguida perguntou-se sobre o nível de leitura dos alunos, em uma escala entre bom, regular e ruim. O gráfico abaixo demonstra o resultado.

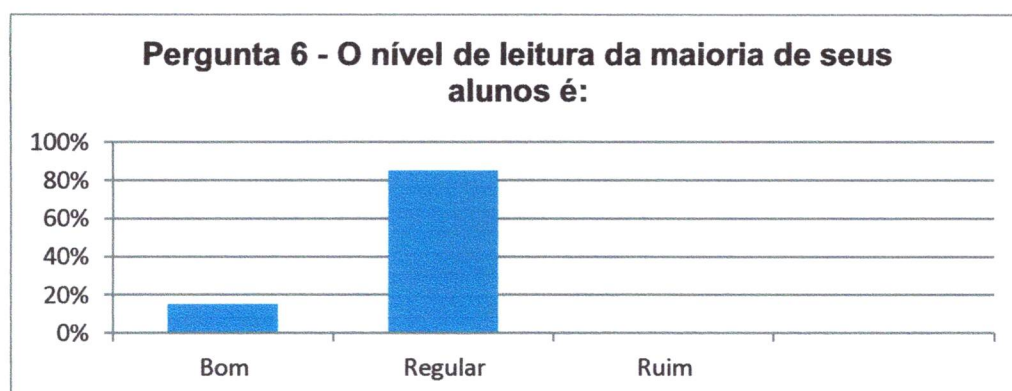


Gráfico 9 – Qual o nível de leitura da maioria de seus alunos? Fonte: Pereira (2017)

Apenas 15% disseram ser bom e outros 85% disseram ser regular como é possível identificar no gráfico acima. O resultado para essa pergunta só confirma que a leitura na sala de aula não anda nada bem, e precisa ser trabalhada em equipe, isto é, precisa ser melhor incentivada pelos professores de outras matérias, pois a formação de leitores eficientes não pode ser tarefa exclusiva apenas dos professores

de Língua Portuguesa, mas deve ser compromisso de todos os educadores. Pois imagina-se que um aluno que não ler bem, consequentemente não obterá êxito nas demais matérias, não por falta de entendimento do conteúdo, mas por não compreender o que se pede no comando das atividades.

O aluno muitas vezes não resolve problemas de matemática, não porque não saiba matemática, mas porque não sabe ler o enunciado do problema porque de fato ele não entende mesmo é o português que lê. Não foi treinado para ler números, relações quantitativas, problemas de matemática. Tudo o que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e depende dela para se manter e se desenvolver, discorre Cagliari (1996).

Dessa forma fica claro que a comunidade escolar precisa urgentemente se mobilizar em prol do desenvolvimento da leitura em sala de aula, através de projetos ou oficinas que venham contribuir para o crescimento acadêmico de seus alunos.

Adiante perguntou-se aos docentes entrevistados se existe o conhecimento por parte dos pais sobre a condição de leitura dos alunos com dificuldade. No gráfico 7 observa-se o resultado.

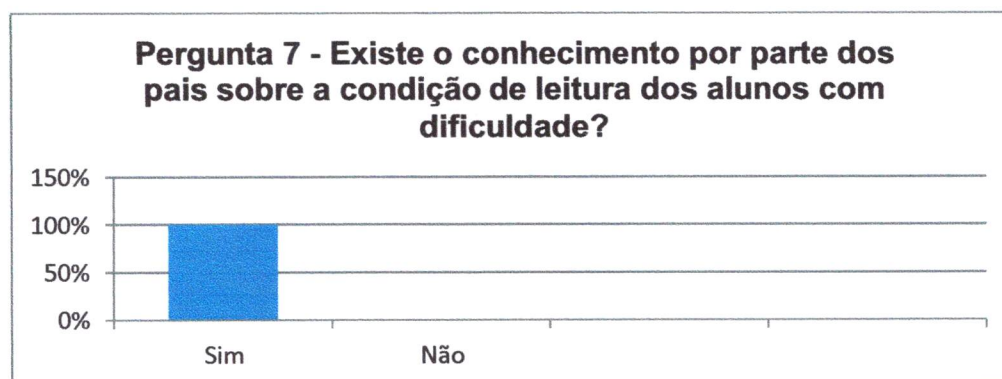


Gráfico 10 – Existe o conhecimento por parte dos pais sobre a condição de leitura dos alunos com dificuldade? Fonte: Pereira (2017)

Observa-se que 100% dos entrevistados disseram que sim, os pais têm conhecimento. É muito importante que os pais participem da vida escolar de seus filhos, que façam um acompanhamento regular e estejam cientes das habilidades e também das dificuldades de seus filhos, pois somente assim poderão encorajar e procurar ajuda caso seja necessário, os pais têm um papel muito importante na vida dos filhos, papel esse que o professor jamais poderá substituir.

Sobre isso Jesus (1996) diz que os pais são os primeiros modelos para os filhos, tendo sobre eles uma influência que o professores não podem ter. Os pais têm

influência sobre a educação e o desenvolvimento dos filhos que é única e insubstituível. Por sua vez, os professores e educadores, pela responsabilidade que têm na criação de condições para o desenvolvimento de capacidades, e para a aquisição e domínio de conhecimentos por parte dos alunos, estarão igualmente a contribuir decisivamente para a formação integral destes.

Dessa forma percebe-se que a família deve ser participativa nas ações da escola, conhecer o professor, a sua dinâmica e dar ao filho incentivo para os estudos. Levando em consideração a importância da família no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, perguntou-se aos professores entrevistados se os pais dos alunos com problemas de leitura procuram participar da vida escolar dos filhos. O gráfico 7 demonstra o resultado

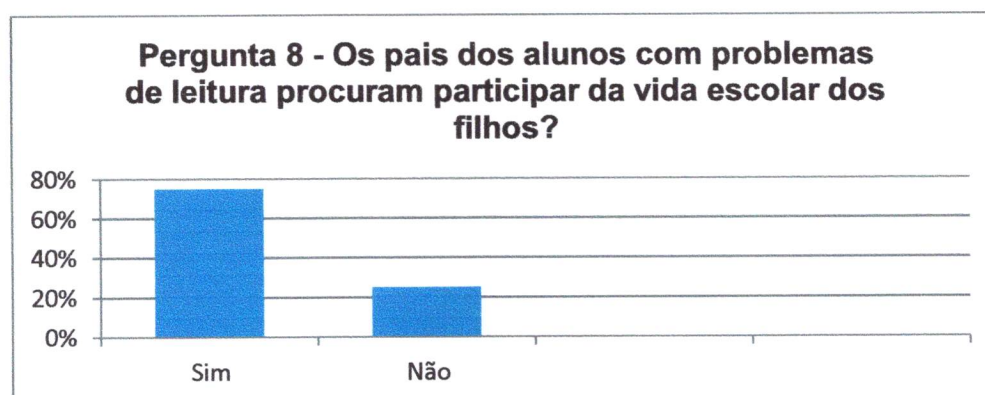


Gráfico 11 – Os pais dos alunos procuram participar da vida escolar dos filhos?
Fonte: Pereira (2017)

De acordo com o gráfico 75% responderam que sim, os pais procuram participar da vida escolar dos filhos e outros 25% disseram que não há interesse dos pais na vida escolar dos filhos.

A escola e o professor têm um papel importante em possibilitar o desenvolvimento do hábito de leitura discente, porém é necessário que os pais também estejam em sintonia em relação a esse processo, para que possam criar espaços e situações para que os seus filhos sintam prazer ao ler. Existem várias maneiras dos pais chamarem a atenção da criança para a leitura, como por exemplo: contar histórias para eles, ler livros e jornais na frente deles, ler os livros que eles trazem da escola, conversar com eles sobre os livros que você leu entre outros. Desta forma os pais estarão indiretamente incentivando a leitura.

De acordo com Piaget (2007) “uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este

intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos”.

Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades. Diante disso Reis (2007) afirma que a escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos.

Em seguida perguntou-se aos entrevistados se durante a carreira como docente já haviam participado de algum curso sobre inclusão escolar voltado para o aluno disléxico. Verifica-se no gráfico abaixo.

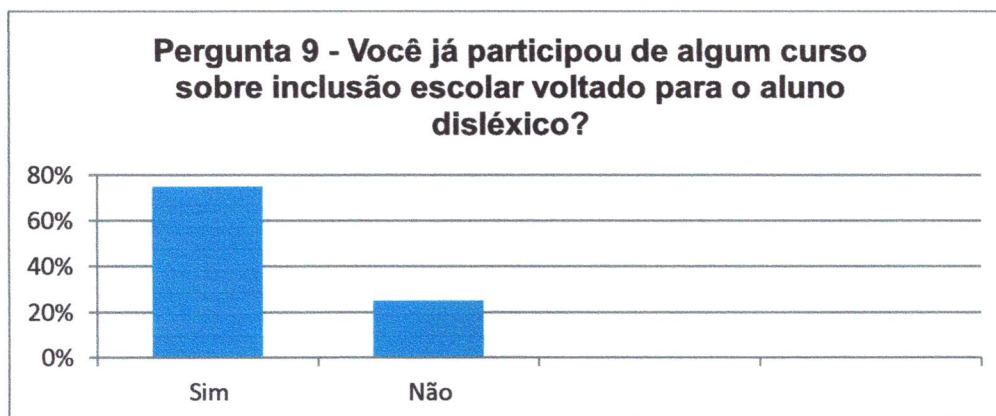


Gráfico 12 – Você já participou de algum curso sobre inclusão voltado para o disléxico? Fonte: Pereira (2017)

Observa-se que 75% disseram já ter feito tais cursos e 25% disse que não, porém quando foi questionado aos entrevistados se a dislexia é fator biológico ou psicológico, podemos observar uma nítida contradição, pois 75% apontaram a dislexia como sendo um fator psicológico e apenas 25% disse ser fator biológico. Gráfico13.

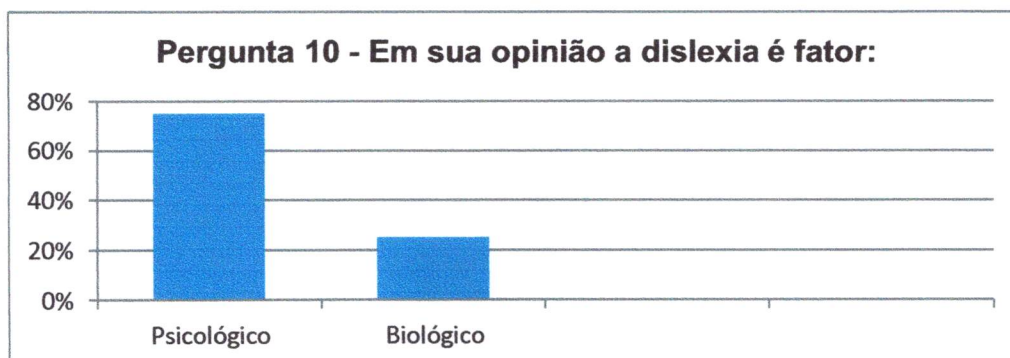


Gráfico 13 – Dislexia é fator biológico ou psicológico? Fonte: Pereira (2017)

Vallet (1989) considera a dislexia uma falta de organização dos símbolos preceptivo-linguísticos, em decorrência de imaturidade ou de disfunção neuropsicológica. Autores como Ellis (1995) e Vallet (1989) consideram fatores genéticos como uma das causas de dislexia de desenvolvimento. Já na dislexia adquirida, o aprendizado da leitura e da escrita, que foi adquirido normalmente, é perdido como resultado de uma lesão cerebral.

Dessa forma podemos perceber que em ambas as situações, a dislexia é decorrente de fatores biológico, e não psicológico como fora apontado na pesquisa. Davis (2004) ainda afirma que: um disléxico não começou a desenvolver a dislexia na primeira ou terceira série. O processo começou muito antes, possivelmente desde o terceiro mês de vida. Mas só começamos a notar algumas características da dislexia quando a criança inicia sua vida acadêmica, devido ao contato dela com a leitura, escrita ou matemática.

E para finalizar o questionário, perguntou-se aos entrevistados se eles acreditavam que a dislexia é causada decorrente da formação educacional que o aluno teve ou tem. O gráfico 10 demonstra o resultado.

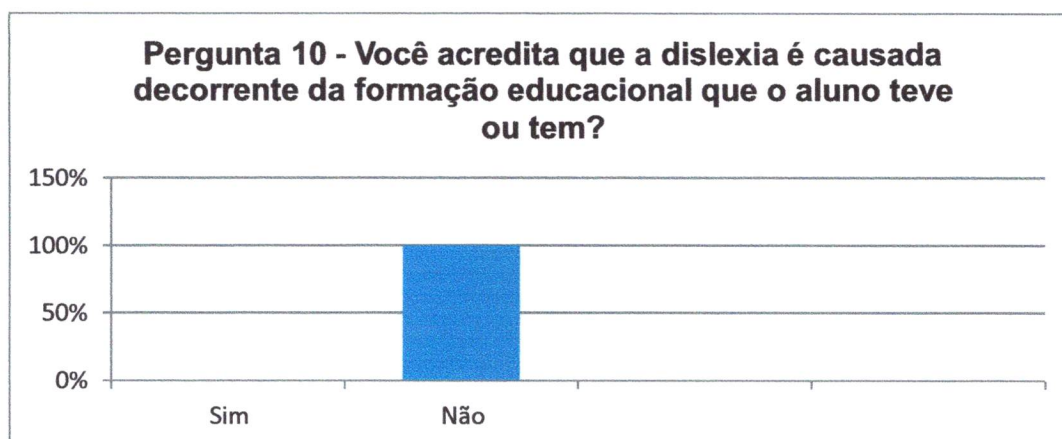


Gráfico 14 – A dislexia é causada decorrente da formação educacional que o aluno teve ou tem? Fonte: Pereira (2017)

Verifica-se que 100% dos entrevistados disseram que não, a dislexia não é decorrente da formação educacional do aluno. Mas como educadores precisamos nos informar e nos capacitar para recebermos em nossas salas de aulas alunos que apresentam esse distúrbio de aprendizagem, pois não podemos aplicar a mesma metodologia que aplicamos a um aluno dito normal a um aluno disléxico.

Como corrobora Soares (1998) exigir de todos os alunos a mesma atuação, é um caminho improdutivo; cada um é diferente, com o seu próprio tempo lógico e

psicológico, e cada um tem uma maneira específica de lidar com o conhecimento.” Respeitar esse ritmo para o ato de aprender é preservar o cérebro de uma possível sobrecarga que contribuiria para uma desintegração total do processo ensino-aprendizagem.

Entre os muitos problemas com os quais nos deparamos na prática profissional, sem dúvida as dificuldades com a leitura e a escrita correspondem a um dos desafios mais marcantes e que requer um aprofundamento da teoria para uma prática profissional mais eficiente. É importante ressaltamos que o incentivo da estimulação de atividades que promovam o conhecimento linguístico, contribuirá para a motivação e o gosto da leitura no disléxico.

Vale ressaltar ainda que é necessário e fundamental, a realização de um trabalho de conscientização, o envolvimento e compromisso dos educadores, do neuropsicólogo e demais profissionais e principalmente a participação das famílias e nesse esforço conjunto, o sucesso é possível.

5 CONCLUSÃO

Antes da realização da pesquisa o que sabíamos sobre distúrbios e transtornos de aprendizagem era um breve conceito muito vago, por vezes até confuso. Depois da realização da pesquisa, elaboração da fundamentação teórica e aplicação do questionário fechado foi possível desenvolvermos um vasto conhecimento acerca da dislexia e seus derivados. Os conceitos debatidos pelos diversos autores citados ao longo deste trabalho nos mostram o quão complexo é este tema.

Dos autores trabalhados nesta monografia o que mais chama atenção é Ronald Davis, talvez por ser disléxico ele consegue tratar do tema com leveza e desenvoltura que nos permite mergulhar nessa imensidão que é a dislexia, a maneira como ele fala ao longo de sua obra "o dom da dislexia" é cativante, desperta no leitor uma certa paixão pelo assunto.

A metodologia trabalhada foi o questionário fechado por facilitar na coleta dos dados obtidos. A pesquisa de campo foi de grande importância pois nos permitiu entrar em contato com algo que outrora conhecíamos parcialmente através de teorias. Este trabalho mostra-se bastante útil para a sociedade Itaitubense, uma vez que contribui para educadores que queiram conhecer um pouco mais sobre a dislexia e seus derivados, serve também como ponto de apoio para pais ou amigos de disléxicos que buscam saber um pouco mais sobre o assunto.

Após a análise dos dados obtidos podemos perceber que a vida acadêmica de pessoas disléxicas ou com dificuldades de aprendizagem é bastante conturbada, isso porque na maioria das vezes eles não encontram apoio familiar, nem tampouco escolar.

A maioria dos professores não tem um conhecimento aprofundado acerca da dislexia o que dificulta bastante na aprendizagem, é importante salientarmos também para a falta de estrutura adequada das escolas públicas, falta salas de Atendimento Educacional Especial, bibliotecas e outros que dificultam ainda mais a aprendizagem dos alunos. Percebe-se que os objetivos deste trabalho foram alcançados, essa pesquisa é indicada principalmente para professores e para pais ou até mesmo um amigo de pessoas com transtorno de aprendizagem, pois sem dúvidas encontrarão respostas para alguns de seus questionamentos.

REFERÊNCIAS

ABD-**Associação Brasileira de Dislexia**. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br>>. Acesso em: 11 jul. de 2016.

BRASIL. **Indicadores da qualidade na educação: dimensão ensino e aprendizagem da leitura e da escrita/Ação Educativa**. São Paulo: Ação Educativa, 2006.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

CIASCA, S. M. **Distúrbios de Aprendizagem: Propostas de Avaliação Interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

COLLARES, C. A. L. e MOYSES, M. A. A. **A história não contada dos distúrbios de aprendizagem**. Campinas: papirus, 1992.

DAVIS, R. D. **O dom da dislexia**. Rio de Janeiro, Rocco, 2004.

ELLIS, A. W. **Leitura, escrita e dislexia: uma análise cognitiva**. Porto Alegre: Artes médicas, 1995.

FARRELL, M. **Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem específicas: guia do professor**. Porto Alegre: Artemed, 2008.

FERNANDES, A. **A inteligência aprisionada: uma abordagem psicopedagógica da criança e da família**. Porto Alegre: Artes médicas, 1995.

FICHOT, A.-M. **A criança disléxica: as perturbações da linguagem**. 1967.

FONSECA, V. da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. 2ª ed. Porto Alegre, Artmed: 1995.

FOUCAMBERT, J. **A criança, o professor e a leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GARCIA, E. G. **A leitura na escola de 1º grau: por uma leitura da leitura**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1992.

GIL, A C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008

IANHEZ, M. E. e N., M. Â. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. São Paulo: Elsevier, 2002.

JESUS, S. **Influência dos Professores sobre os Alunos**. Coleção Cadernos Pedagógicos. n.º 34 Porto: Edições Asa, 1996.

LEAL, D. e N., M. O. G. **Dificuldades de aprendizagem: um olhar psicopedagógico**. Curitiba: Ed. Ibpx, 2011.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**, São Paulo. Cortez editora, 1995.

MASSI, G. **A Dislexia em questão**. São Paulo: Plexus Editora, 2007.

MORAIS, A.M.P. **A relação entre a consciência fonológica e as dificuldades de leitura**. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 1994.

PIAGET, J. **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

PINTO, M. A. L. **Psicopedagogia diversas faces, múltiplos olhares**. São Paulo: Olho d Água, 2003.

REIS, R. P. In. **Mundo Jovem**, nº. 373. fev. 2007, p.6.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autentica, 1998.

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação. UFMG, outubro 2003.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Porto Alegre: Artes médicas, 1989.

VALLET, R. E. **Dislexia: uma abordagem neuropsicológica para a educação de crianças com graves desordens de leitura**. São Paulo, 1989.

APÊNDICE

Apêndice A – Questionário da pesquisa



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

Este questionário tem o objetivo de coletar dados sobre o grau de conhecimento dos professores sobre a dislexia.

I PARTE - PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Escola _____

Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino

Idade: ☐ 19 – 24 anos ☐ 25 – 30 anos ☐ 31 - 36 anos ☐ Acima de 37 anos

Formação Acadêmica:

☐ Cursando Graduação ☐ Graduado ☐ Pós-graduado

Especifique o Curso: _____

Tempo na Docência:

☐ 1 a 5 anos ☐ 6 a 10 anos ☐ 11 a 16 anos ☐ 17 ou mais

II PARTE - QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS PROFESSORES

1-Você conhece o termo dislexia?

☐ sim ☐ não

2-Em sua opinião qual alternativa define melhor a dislexia?

☐ preguiça ☐ desmotivação ☐ dificuldade

3-Em sua carreira acadêmica já trabalhou com algum aluno disléxico?

☐ sim ☐ não

4-Atualmente você trabalha com algum aluno disléxico?

☐ sim ☐ não

5- E leitores deficientes, ou seja, alunos com dificuldade na leitura?

☐ sim ☐ não

6- O nível de leitura da maioria de seus alunos é:

☐ regular ☐ bom ☐ ruim

7- Existe o conhecimento por parte dos pais sobre a condição de leitura dos alunos com dificuldade?

☐ sim ☐ não

8- Os pais dos alunos com problema de leitura procura participar da vida escolar dos filhos?

☐ sim ☐ não

9- Você já participou de algum curso sobre inclusão escolar voltado para o aluno disléxico?

☐ sim ☐ não

10-Em sua opinião a dislexia é fator:

☐ psicológico ☐ biológico

11-Você acredita que a dislexia é causada decorrente da formação educacional que o aluno teve ou tem?

☐ sim ☐ não